

SOBRE ESTA PRAIA... OITO MEDITAÇÕES À
BEIRA DO PACÍFICO
(1977)

II – “PERGUNTO-ME A MIM MESMO – TÃO CURIOSO”

Gastão Cruz*

Julgo que o primeiro poema de Jorge de Sena que li o encontrei nos *Cadernos do Meio Dia*, uma publicação editada entre 1958 e 1960, em Faro.

Abria com estes versos “Reconciliamo-nos sempre. No fundo, e às vezes nem muito ao fundo, a reconciliação nos espreita, na mira da primeira fraqueza, da primeira humidade de lágrima ou de sexo.”, o que me surpreendeu pela tonalidade algo prosaica com o carácter dum discurso radicalmente inovador.

A poesia de Jorge de Sena surge num momento particularmente diversificado e complexo da poesia portuguesa. Trata-se de uma fase em que a linguagem busca vias que lhe permitam autonomizar-se relativamente à larga experiência modernista, particularmente no que diz respeito ao caso avassalador de Fernando Pessoa.

Uma impositiva necessidade de renovação processa-se através do reforço de um discurso poético em que elementos constitutivos como a imagem e o ritmo ganham um papel preponderante, que confere à palavra um peso herdado por vezes da estética simbolista, como já sucedera com o próprio Pessoa.

O poder da palavra e do ritmo acentuar-se-á ao longo das décadas de 1940, 1950 e 1960. No que se refere à poesia de Jorge de Sena este aspecto articula-se com uma aspereza herdada do modernismo, com particular proximidade a poetas como Irene Lisboa ou Casais Monteiro.

Na poesia de Jorge de Sena coexistiu alguma *secura* da herança modernista com a plasticidade e o carácter melódico e rítmico conseguido muitas vezes com recurso à interrogação e à repetição enfática que já encontráramos em alguns dos mais eloquentemente expressivos poemas da primeira fase como “Ode à incompreensão”: “*Tão longe, meu amor, tão longe, / quem de tão longe*

alguma vez regressa?! // E quem, ó minha imagem, foi contigo? // (De mim a ti, de ti a mim, / quem de tão longe alguma vez regressa?)”

Este processo, que o poeta utiliza em poemas de diversos períodos, reaparece expressivamente em passagens do ciclo *Sobre Esta Praia*, onde o discurso ganha uma especial fluidez. “*Pergunto-me a mim mesmo — tão curioso / Como a criança a ser-se adolescente / que mal se entende em como os corpos agem — / a que diversos jogos ou não-jogos / se dão na intimidade estes que vejo / inteiramente nus no areal da praia / entre uma escarpa que os esconde e o mar / que tudo aceita em ondas sucessivas.*” A contemplação melancólica, simultaneamente próxima e distante, de corpos de uma sexualidade incerta e de contacto ambíguo, cria uma atmosfera de que o poeta se apropria a partir de um ponto de observação de imagens improvavelmente visíveis.

O mundo assim representado remete para o antigo poema “Metamorfose” (depois reintitulado “Ante-metamorfose”) também ele se desenrolando em dúvidas acerca da sexualidade do “Deus ou deusa?” contemplado.

A poesia de Jorge de Sena explora os segredos do mundo utilizando uma linguagem que analisa o real através de uma expressão, quando não através dum texto que pode ser paradoxalmente claro e hermético.

Sem teorizar o peso da palavra ou o mistério da imagem Sena envereda muitas vezes por jogos expressivos que conduzem o poema para instâncias misteriosamente reais como acontece com a espécie de instantâneos fotográficos que o poeta colhe durante a sua permanência como observador.

Mais do que fixar-se no papel individual da imagem e da metáfora como células fundadoras do discurso poético, e dos que procuravam refundar uma poesia pós-modernista, Jorge de Sena enveredou por uma multiplicidade de experiências a que não faltou um rumo provocatoriamente *experimentalista*.

Esta atitude leva o poeta a uma acentuada diversidade de estilos sem comprometer nunca a fortíssima unidade que marca, não apenas a poesia mas toda a perturbante multiplicidade e solidez da sua obra literária.

Sem deixar de ser um poeta de palavras e de imagens, como o são alguns poetas maiores dos meados do séc. XX, o autor de *Fidelidade* é talvez principalmente poeta de situações e de factos, o que igualmente define a marca realista de grande parte dos seus textos na importância e força da sua ficção: pensemos nessa obra-prima absoluta que é o conto “Homenagem ao papagaio verde”.

Insistentemente interrogativo, acerca da natureza, do mistério e das formas de relacionamento dos três corpos que protagonizam a cena é a própria incerteza das imagens que o poeta formula que define, em todo o seu esplendor a essência e a substância da própria poesia.

* Licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Estreou-se como poeta no âmbito da publicação colectiva Poesia 61. Tem desenvolvido actividade crítica e ensaística, tendo reunido, pela primeira vez, os seus ensaios sobre poesia no livro *A Poesia Portuguesa Hoje*, e sendo *A Vida da Poesia – textos críticos reunidos a mais recente recolha de todo o seu trabalho nesta área*. Traduziu, entre outros, William Blake, Jean Cocteau, Jude Stéfan e Sandro Penna, Shakespeare e Strindberg. Entre 1980 e 1986, viveu em Londres, onde foi leitor de português na respectiva Universidade (King’s College). É um dos directores da Fundação Luís Miguel Nava e da revista de poesia *Relâmpago*. Publicou, entre outros, os seguintes livros: *O Pianista*; *Crateras*; *Rua de Portugal*; *Repercussão*; *A Moeda do Tempo*. A sua poesia foi reunida no volume *Os Poemas*. Seus mais recentes livros de poemas são *Escarpas*, *Observação do Verão*, *Fogo*, *Óxido* e *Existência*.